

RESENHA

INFINITO ENQUANTO DURE

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RESUMO

Esta resenha analisa a obra *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, do sociólogo Zygmunt Bauman. O autor disserta sobre os efeitos do que ele chama de modernidade líquida sobre os relacionamentos humanos procurando demonstrar como o processo de individualização levou a fragilização dos vínculos humanos. A modernidade líquida que não se enraíza, é volátil e não leva em conta a longa duração, afeta os relacionamentos, que se tornaram também líquidos, de pouca duração – infinito enquanto dure.

PALAVRAS CHAVE: ZYGMUNT BAUMAN; RELACIONAMENTOS; AMOR LÍQUIDO, MODERNIDADE.

Em uma conversa entre Jesus e os seus discípulos sobre o divórcio, o mestre galileu ensinou que é pecado se divorciar da sua mulher. Os discípulos argumentaram que assim era melhor não casar. Jesus contra argumentou que a exigência da castidade é ainda algo mais restrito, coisa para poucos. O ideal cristão de uma união monogâmica, de um sentimento eterno, sempre foi considerado algo inatingível para muitas pessoas, contudo, tornou-se o ideal burguês por excelência. Na *modernidade sólida* cultivou-se um ideal de relacionamento em que a família monogâmica era idealizada e o amor definido como eterno.

No Brasil o poeta Vinícius de Moraes intuiu outro ideal de amor e paixão:

[...]

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama

Mas que seja infinito enquanto dure.

(Soneto de fidelidade)

O sociólogo Zygmunt Baumann pergunta sobre a influência da modernidade líquida sobre os relacionamentos humanos e disserta sobre a *fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulado por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. (p.8)*. A questão de fundo é a possibilidade de relacionamento em um mundo de *furiosa individualização*. A construção de relacionamentos baseados em parentesco, parcerias, que lembram a solidariedade mecânica de Durkheim, dá lugar a relacionamentos em *rede*, relações virtuais.

No seu pequeno livro *O Amor Líquido*, Baumann escreve na forma de ensaios, lembrando mais um livro de sabedoria do que de sociologia. Mas como falar com linguagem científica e acadêmica sobre o mais fluído dos assuntos? Quem procura uma dissertação sociológica sobre os relacionamentos certamente se decepcionará. Temos no livro as impressões do que está acontecendo no mundo atual sobre os vínculos afetivos, sobre as coisas que valem a pena conversar: o amor e os relacionamentos. A modernidade líquida que não se enraíza, é volátil e não leva em conta a longa duração. Isso afeta os relacionamentos, que se tornaram também líquidos, de pouca duração – infinito enquanto dure.

No primeiro ensaio – capítulo – o objeto da análise é a paixão. Ou a capacidade de apaixonar-se e desapaixonar-se diversas vezes. Baumann faz a distinção entre o amor e o desejo. O amor se relaciona a vontade de possuir (cuidar, preservar, assumir responsabilidades) enquanto o desejo ao de consumir. Ele utiliza a metáfora da compra no shopping center para falar dos relacionamentos: *“é como num shopping: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo [...] compram por impulso.”*(p.26). Esta situação de impulso consumista leva os relacionamentos a uma situação de insegurança. Temos assim os relacionamentos de curta duração – as relações de bolso – que se traduzem no ideal dos CSSs: *“casais-semi-separados”*, *“revolucionários do relacionamento”*, que *“romperam a sufocante bolha do casal”* e *“seguem seus próprios caminhos”*.

No segundo ensaio o tema é a sociabilidade. Partindo da idéia de Lévy Strauss que do impulso sexual é que surgiu a cultura (o ato fundador da

cultura: a proibição do incesto), ele defende que houve uma mudança cultural que foi a passagem da *ars erotica* para a *scientia sexualis*. A consequência dessa passagem é que até na reprodução há uma competição entre a medicina e a sexualidade. Os filhos que eram uma ponte para algo duradouro passou a ser uma escolha, ou desejo de consumo. O sexo sem reprodução tornou-se o sexo em si, liberto das suas consequências e responsabilidades. O sexo para consumo não se caracteriza pelo acúmulo, mas pelo uso e pelo descarte. Desta forma há uma troca da qualidade pela quantidade, a longa duração é trocada pela rapidez, a realidade pela virtualidade. Essa forma de convivência leva a desestabilização da *comunitas* e ao desvanecimento das habilidades da sociabilidade.

No ensaio seguinte, Baumann trata da dificuldade de amar o próximo. Seguindo a ideia de Freud, de que o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo é um dos preceitos da vida civilizada, o autor aponta a contradição dessa máxima com o tipo de razão que a civilização promove: *a razão do interesse próprio e da busca da felicidade (p.97)*. A humanidade surge dos preceitos do amor ao próximo: é um ato de fé porque é absurdo. A experiência do holocausto é lembrada para lembrar que viver significa sobreviver e só o mais forte sobrevive. Os sobreviventes do holocausto não foram os moralmente mais capazes, mas o mais fortes. Baumann discute a tese do teólogo Knud Logstrup, de que há uma exigência ética no ser humano, e retorna a velha tese de Thomas Hobbes: "*Homo homini lupus*". A busca por proteção e segurança é o indicativo dessa incapacidade humana de relacionamento. Dessa forma temos a contradição de vivermos como estranhos na companhia uns dos outros, e este é um dos grandes problemas/desafios das cidades e do mundo globalizado.

No último ensaio, o sociólogo da modernidade líquida, discute a volta da xenofobia. O estrangeiro e o imigrante são a nova classe perigosa na visão dos países europeus. Grande parte da xenofobia associa os imigrantes à criminalidade. E o tema da criminalidade tornou-se a preocupação central dos políticos europeus como também o da imigração. Baumann entende que o desenvolvimento capitalista sempre produziu um "lixo humano" que era "exportado" para diversas partes do planeta; essa solução entrou em colapso nos dias atuais: não há lugar para se enviar o "lixo humano". A formação dos

Estados-nação impôs a regra de aceitação: apenas o natural é que é aceito na família nacional. Os que estão fora da esfera da soberania do Estado-nação são considerados “vida que não vale a pena ser vivida” (um ser humano que se pode matar sem medo de punição; p.158).

A solução para o problema do estrangeiro no Estado-nação é tipificada de duas formas: antropofágica – comer os estrangeiros até o fim; ou antropeômica – vomitar os estrangeiros. A atual tendência é a restrição a entrada dos emigrantes econômicos. Também aumenta o número de campos de refugiados que possuem a qualidade de “transitoriedade congelada”. Nesse sentido temos os refugiados como pessoas despidas de identidades definidas. Baumann defende que só uma comunidade “global” inclusiva poderia tirar os atuais refugiados do vácuo sociopolítico a que foram relegados. Para Baumann só há uma solução para o problema da xenofobia: o fim do Estado-nação e a busca por uma humanidade comum.

O ideal humanista e universalista de Baumann se insere na mesma vertente daqueles que acreditam que a humanidade tende para unidade. É o ideal da *modernidade sólida* de que se pode produzir um padrão universal, uma governança universal, um mundo em que não há separação entre os homens. Baumann acredita que é necessário e possível apostar em um projeto de civilização em que as relações sociais podem ser transformadas na direção de uma *boa sociedade*. Com relação ao amor e aos relacionamentos que se caracterizam pela curta duração nos tempos líquidos, caberia uma sugestão de Baumann em uma entrevista concedida à Maria Pallares-Burke, publicada na revista Tempo Social: em um tempo em que não se pode contar com nenhuma instituição de longa permanência, mas em que a vida individual está cada vez mais longa, talvez valesse a pena investir no amor durável, constante e compromissado.